

**ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História
Rio de Janeiro/RJ, 2021**

**A INFLUÊNCIA DO LEGADO E DO PENSAMENTO DE MARTÍ E SANDINO
EM PROCESSOS REVOLUCIONÁRIOS NA AMÉRICA LATINA: UM
ESTUDO COMPARATIVO DE CUBA E NICARÁGUA**

César Augusto Ribeiro Filho

Bacharel e Licenciado em História pela UFRJ

Mestrando do PPGHC – UFRJ

professor.cesar.ribeiro@gmail.com

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Resumo

A luta contra o colonialismo e contra o imperialismo sempre esteve presente ao longo da formação histórica da América Latina. Na segunda metade do século XX, Cuba e Nicarágua, que possuem uma formação histórica semelhante a de outros países latino-americanos, se destacaram nessa luta. Portanto, entender a influência do pensamento e do legado de Martí e Sandino é uma condição imprescindível para compreender o porquê deste fato.

Num primeiro momento, apresento de forma objetiva as formações históricas de Cuba e Nicarágua, destacando como estes países sofreram o julgo de potências estrangeiras através do pacto colonial ao qual foram submetidos pela Coroa Espanhola e, em seguida, pelo imperialismo estadunidense.

Num segundo momento, abordo também de forma comparativa as lideranças revolucionárias de Martí e Sandino que enfrentaram as lutas de seu tempo, ou seja, combateram o colonialismo e o imperialismo em seus respectivos países.

E concluo, analisando como o legado e o pensamento de José Martí e de Augusto César Sandino influenciaram de forma decisiva a Revolução Cubana (1959) e a Revolução Nicaraguense (1979) respectivamente.

Palavras-chave: Martí Sandino colonialismo imperialismo

O colonialismo e o imperialismo ao longo da formação histórica de Cuba e Nicarágua

No século XV começaram as Grandes Navegações que buscavam novas terras no intuito de difundir o cristianismo para outras civilizações, expandir o território e

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

fundar colônias, estabelecer rotas comerciais marítimas, encontrar fontes de recursos naturais (principalmente ouro e prata) e lucrar com o comércio de pessoas escravizadas.

De forma geral, podemos definir o colonialismo como um meio utilizado por grandes potências para exercer domínio político, econômico e cultural sobre alguma nação. Visto isso, as terras dominadas são exploradas e os habitantes perdem, na maioria das vezes, direitos políticos e bens materiais. Assim, a potência exploradora consegue se fixar no território explorado e extrair as riquezas naturais existentes na região.

No caso da América Latina, séculos depois, mais precisamente na metade do século XVIII, esta vivia tensões causadas pelo aumento do controle da Espanha sobre os negócios coloniais. As elites, poderosos locais e funcionários da Coroa, perdiam gradualmente seu poder político e econômico. Quanto aos grupos mais populares, estes foram cada vez mais explorados pela Coroa Espanhola, o que causou inúmeras insurreições.

As guerras de independência ocorreram durante a fase napoleônica, após a invasão da Espanha em 1808. Nesse momento, um caos político se instalou nas colônias e uma falsa liberdade econômica foi imposta. Devido ao Bloqueio Continental a Inglaterra, maior parceira econômica da Coroa Espanhola impediu os navios franceses de chegarem à América.

Em 1810 os conflitos começaram em várias partes da América. A Espanha tentou amenizar a situação com medidas liberalizantes em relação ao comércio, porém estas foram revogadas por Fernando VII, o que estimulou mais ainda o processo de independência.

No entanto, após a independência, o livre-comércio foi a favor das elites e da Inglaterra. A escravidão foi abolida somente em lugares onde havia interesse econômico favorável. Movimentos populares e indígenas foram massacrados.

Nesse contexto, lideranças começaram a surgir. Uma delas foi Simón Bolívar, o primeiro a idealizar uma integração latino-americana, o que foi expresso na Carta da Jamaica (1815) e no Congresso do Panamá (1826). Porém, o projeto de Bolívar tinha

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

bases frágeis. Muitas lideranças disputavam o poder. O sonho de uma América unida se desfez e várias repúblicas surgiram. Elas eram independentes, mas conservavam a herança colonial com exceção no que diz respeito ao livre comércio. A Espanha insistia em tentativas débeis de tentar reestabelecer seu domínio, sem sucesso, inviabilizando o sonho ambicioso de unificação das ex-colônias numa só nação independente.

Posteriormente, a América Latina e o Caribe do final do século XIX foram marcados por processos de independência em relação às suas metrópoles europeias. No mesmo período, a Europa estava sob forte influência dos desdobramentos da Revolução Francesa. Todavia, a liberdade latino-americana foi fictícia, pois os diversos países independentes passaram a sofrer a influência de outro país vizinho, os Estados Unidos, que impôs sua vontade e domínio através de sua política imperialista.

Segundo Lenin (2005, pg.35), “o imperialismo é, pela sua essência econômica, o capitalismo monopolista. Isto determina já o lugar histórico do imperialismo, pois o monopólio, que nasce única e precisamente da livre concorrência, é a transição do capitalismo para uma estrutura econômica e social mais elevada. Os monopólios, a oligarquia, a tendência para a dominação em vez da tendência para a liberdade, a exploração de um número cada vez maior de nações pequenas ou fracas por um punhado de nações riquíssimas ou muito fortes: tudo isto originou os traços distintivos do imperialismo, que obrigam a qualificá-lo de capitalismo parasitário, ou em estado de decomposição. No seu conjunto, o capitalismo cresce e corre a uma rapidez incomparavelmente maior do que antes, mas este crescimento não só é cada vez mais desigual como a desigualdade se manifesta também, de modo particular, na decomposição dos países mais ricos em capital (Inglaterra).”

Cuba e Nicarágua são países viveram num primeiro momento sob o domínio colonial da Espanha e posteriormente sob o jugo imperialista dos Estados Unidos após suas independências.

A colonização de Cuba ocorreu através das monoculturas de açúcar e tabaco e de sua posição estratégica já que não possui jazidas de metais preciosos. À princípio, a mão de obra foi indígena e, posteriormente, negra oriunda da Costa Africana já que sua

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

população nativa foi totalmente dizimada pelos colonizadores espanhóis. Assim, as desigualdades social e econômica foram mais marcantes para a população cubana diante da intensificação da violência e repressão da Espanha que tentou manter seu domínio sobre Cuba, que por sua vez só alcançou sua independência somente em 1898.

Quanto a Nicarágua, esta também foi uma colônia de exploração da Coroa Espanhola e teve sua economia voltada para agroexportação e para uma pequena mineração de ouro utilizando mão de obra escrava e um nível semelhante de desigualdade. Alcançou sua independência em 1821, tornando-se um país emancipado somente em 1838. Era uma república agroexportadora cafeeira, marcada por uma profunda instabilidade política, provocada por frequentes conflitos entre dois grupos oligárquicos, os Liberais e os Conservadores, que disputavam o domínio político do país. Tal disputa perdurou até as primeiras décadas do século XX, gerando a constante instabilidade política no país, o empobrecimento dos trabalhadores nicaraguenses e a vulnerabilidade da soberania nacional que facilitou sucessivas intervenções imperialistas estadunidenses.

No entanto, com os processos de independência ocorridos na América Latina durante o século XIX, os dois países se tornaram teoricamente emancipados, mas as discrepâncias sociais e econômicas continuaram juntamente com a dominação estrangeira dos Estados Unidos.

Martí e Sandino e a busca da construção de um projeto nacional independente

As histórias de Cuba e da Nicarágua são semelhantes a de tantos outros países da América Latina e do Caribe. Mas pela autodeterminação de seus respectivos povos, estes países tiveram um desfecho histórico peculiar em relação aos demais. Desta forma, é imprescindível compreender a influência do pensamento e do legado de dois personagens históricos que marcaram de forma determinante o destino do povo cubano e nicaraguense: José Martí e Augusto César Sandino. E assim, abordo a trajetória desses dois líderes revolucionários por uma perspectiva comparativa. Sabemos que comparar pessoas em épocas e lugares diferentes, com culturas diferenciadas, é um desafio.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Segundo Burker (2002, pg. 45) o “problema é o de decidir exatamente o que comparar e com o quê. Os comparatistas do século XIX, como Sir James Frazer, concentraram a atenção em semelhanças entre características ou costumes culturais específicos, ignorando o contexto social desses costumes que muitas vezes era bastante diferente.” ... “Ao comparar características culturais específicas, nos fixamos em algo preciso, podendo notar sua presença ou ausência, mas corremos o risco de superficialidade. Já a busca por análogos leva a comparação entre sociedades inteiras.”

Nesse contexto falo sobre Sandino que desde sua infância sofreu as consequências de uma sociedade marcada pelas desigualdades e injustiças sociais. Filho de um rico fazendeiro e uma camponesa de origem indígena foi abandonado pelo pai e conheceu a pobreza de seu país ao lado de sua mãe.

Durante sua adolescência testemunhou a aplicação da política externa estadunidense conhecida como Grande Porrete (do inglês Big Stick), aplicada pelo presidente Theodor Roosevelt Jr., que objetivava a supremacia estadunidense nas Américas. Na primeira intervenção militar dos Estados Unidos, no ano de 1912, Sandino viu o corpo do general nacionalista Benjamin Zeledon ser arrastado pelas ruas de sua cidade natal após ser assassinado pelos fuzileiros navais estadunidenses. Tal fato lhe causou profunda indignação e o marcou por toda sua vida, mesmo ainda sem estar envolvido com a vida política de seu país naquele momento.

Procurando sua independência econômica trabalhou no comércio de grãos. Pouco tempo depois Sandino saiu da Nicarágua e passou alguns anos trabalhando no exterior. Trabalhou inicialmente em engenhos de açúcar em Honduras, nas plantações da United Fruit Company na Guatemala e finalmente como mecânico na Huasteca Petroleum Company no México. Nesses países Sandino conheceu de perto as péssimas condições de vida dos trabalhadores. Assim foi desenvolvendo uma consciência política, sendo influenciado pelos ideais do anarco-sindicalismo, e consolidando sua

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

formação ideológica na efervescência política gerada pela Revolução Mexicana, que mesmo após os assassinatos de Emiliano Zapata (1919) e de Francisco Pancho Villa (1923), este acontecimento político ainda sacudia o país. Assim Sandino se posicionou de forma definitiva ao lado das lutas dos trabalhadores.

Após essa jornada, Sandino retornou a seu país e pouco tempo depois passou a participar efetivamente na política nicaraguense. Ele ganhou reconhecimento nacional pela primeira vez em 1926, quando pegou em armas em apoio ao vice-presidente nicaraguense. Reivindicando Juan Bautista Sacasa à presidência. Após a intervenção dos fuzileiros navais dos EUA em 1927, Liberais e Conservadores assinaram o Pacto Espinho Negro (1927) reforçando os termos do Tratado Bryan-Chamorro (1916), o que garantia a presença e os interesses de Washington no país. Sandino se recusou a assinar o pacto, por considerar uma traição ao seu povo e retirou-se com seu grupo guerrilheiro de 29 homens para as montanhas do norte da Nicarágua desenvolvendo uma guerra de guerrilhas.

E seu sucesso em escapar da captura pelas forças dos EUA e posteriormente pela Guarda Nacional da Nicarágua atraiu simpatia generalizada por todo o hemisfério. Seu exército cresceu rapidamente com a adesão de muitos camponeses que passaram a lutar ao seu lado. Sandino renomeou seu exército como Exército de Defesa da Soberania Nacional da Nicarágua. Além disso, as frequentes derrotas militares imposta por Sandino aos marines criou uma situação vexatória a Washington. Essas derrotas no campo de batalha somada à Crise de 1929 e o sentimento antiamericano resultante foram parcialmente responsáveis pela declaração do presidente Franklin Delano Roosevelt, a “Política de Boa Vizinhança”, anunciada reformulação das relações externas dos Estados Unidos com a América Latina. Após a retirada dos fuzileiros navais em janeiro de 1933 e a posse de Sacasa como presidente, Sandino foi convidado a se reunir com Anastasio Somoza, chefe da Guarda Nacional, para uma aparente conferência de paz, mas no caminho de volta foi sequestrado e assassinado pela Guarda Nacional. Em seguida Somoza forçou o presidente a renunciar e instalou uma ditadura familiar que dominou o país até 1979.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O nome de Sandino e sua contribuição nunca foram esquecidos pelos nicaraguenses. A ditadura de Somoza tentou a todo custo apagar sua história, mas fracassou. Mesmo após o assassinato deste líder revolucionário, seus ideais de liberdade continuaram vivos no imaginário dos camponeses e trabalhadores nicaraguenses e a luta contra esta ditadura continuou. Apesar da violenta repressão, a circulação de panfletos, comunicações clandestinas, em pinturas de paredes e outras manifestações que reivindicavam os ideais sandinistas resistiam. E nos anos 1960, uma nova geração revolucionária liderada por Carlos Fonseca Amador, Tomas Borges, Julio Buitrago, entre outros, criou uma organização política que faz referência ao seu nome e legado político: Frente Sandinista de Libertação Nacional - FSLN. Porém, sua luta só pode ser conhecida e divulgada livremente para os nicaraguenses após o triunfo da Revolução Nicaraguense em 1979.

Voltando um pouco mais no tempo, outro revolucionário de grande relevância para a história latino-americana a ser estudado aqui é José Julián Martí, filho de imigrantes espanhóis, nascido em Havana em 1853.

Após o término de seus estudos primários, no ano seguinte, Martí conhece o professor e poeta Rafael María Mendive que o influenciou em relação às ideais de independência.

Assim, na Primeira Guerra de independência de Cuba iniciada em 10 de outubro de 1868, Martí escreveu artigos em publicações estudantis. Ao terminar o colégio secundário, publicou um artigo na revista *El Diablo Cojuelo* e um poema no jornal *Pátria Libre*.

Diante do crescimento de sua atividade revolucionária, Martí foi preso por escrever panfletos contra a dominação espanhola sobre Cuba e atos clandestinos de conspiração. Aos 16 anos de idade foi condenado e submetido a trabalhos forçados e a tortura. Seus pais recorreram e diante de suas condições físicas e de sua saúde que se deteriorara, conseguiram que ele fosse indultado deportado para a Espanha em 1871.

Em Madri, José Martí inicia a faculdade de direito e publica o livro "El Presidio Político em Cuba" onde denuncia a violência e os abusos que sofreu na prisão. Dois

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

anos depois se transferiu para a Faculdade de Saragoza onde terminou seus estudos de filosofia, letras e direito.

Cada vez mais movido por seus ideais, após se formar Martí deixou a Espanha e viajou para o México onde passou a escrever na Revista Universal. Este foi o começo de uma intensa vida intelectual para Martí.

A permanência de Martí no México foi interrompida pelo Golpe Militar do General Porfírio Díaz que implantou uma ditadura que durou 34 anos. Logo depois, Porfírio Díaz fechou a Revista Universal, obrigando-o abandonar o país e ir para a Guatemala. Lá trabalhou como professor de literatura na Universidade Nacional. No entanto, em total desacordo com os métodos autoritários do governo guatemalteco, saiu do país e retornou para Cuba em 1878.

Martí novamente sofre perseguição das autoridades coloniais espanholas e foge para a Venezuela, onde voltou a trabalhar como professor de literatura. Colaborou no Diário Opinião Nacional e criou a “Revista Venezuelana”. Assim, pregando que a revolução deveria ocorrer em toda a América Latina escreveu em Caracas em 1882, *Ismaelillo*. Mas sua fase criativa naquele país foi interrompida, quando o governo venezuelano o expulsa em virtude de suas ideias revolucionárias.

Sem poder voltar para Cuba, José Martí foi para os Estados Unidos. Os anos que passou em Nova Iorque, ele se dedicou aos preparativos da luta separatista e continuou sua produção literária. Entre os anos 1889 e 1893 escreveu o livro “Versos Libres”. Exerceu intensa atividade jornalística destacando-se como cronista, sendo correspondente do *Opinion Nacional* de Caracas e do *La Nación* de Buenos Aires. Em 1890 escreveu o livro “Versos Sencillos” durante um período de licença médica, sendo o mesmo foi publicado em 1891. Diante de sua intensa e bem-sucedida produção literária, Martí foi escolhido para ocupar a presidência da Sociedade Literária Latino-Americana.

Martí funda em 1892 o Partido Revolucionário Cubano e o Jornal *Pátria*. Se opondo às insurreições precipitadas, criando um sistema revolucionário e alertando o

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

perigo dos planos do governo estadunidense de anexar Cuba, quando esta alcançasse sua independência em relação à Espanha.

Em 1893, Martí dedicou-se a atividade guerrilheira, arrecadando fundos, participando de ações secretas, discursando e dando entrevistas em diferentes países. Mais uma vez adoeceu e submeteu-se a uma cirurgia em 1894, devido a sequelas causadas na prisão. Passou este ano planejando o início da segunda guerra pela independência de Cuba, que começaria no ano seguinte.

José Martí não conseguiu obter o mesmo brilhantismo nos combates guerrilheiros que obteve como intelectual e político letrado. Tombou em seu primeiro combate, na batalha de Dos Ríos em 19 de maio de 1895. A transcendentalidade de seus ideais e de seu legado de luta revolucionária contribuíram para a construção da identidade nacional do povo cubano e influenciaram as gerações revolucionárias futuras que mudaram de forma definitiva os rumos de Cuba.

Analisar a biografia de Martí e de Sandino e procurar desenvolver um estudo comparativo de suas histórias e como estas influenciaram a vida de gerações de cubanos e nicaraguenses, é um desafio que se faz presente nesse projeto de Dissertação. Assim, de acordo com Kocka (2003, pág.40) “comparar em História significa discutir dois ou mais fenômenos históricos - sistematicamente a respeito de suas singularidades e diferenças de modo a se alcançar determinados objetivos intelectuais.”

Portanto, esse projeto procura evidenciar que cada um desses líderes, em seu momento histórico viveu as consequências das intervenções estrangeiras que feriram a soberania de seus países. E ao longo de suas vidas ambos tiveram experiências que contribuíram para sua formação ideológica.

A influência do legado e do pensamento de Martí e Sandino na Revolução Cubana e na Revolução Nicaraguense

A América Latina foi sacudida por movimentos revolucionários durante as décadas de 1960 e 1970. Tanto a Revolução Cubana quanto a Revolução Nicaraguense

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

se destacaram diante da consolidação de suas respectivas vitórias. Com a aplicação e concretização de suas propostas políticas, essas revoluções deram origem a importantes transformações que colocaram um ponto final tanto no período ditatorial protagonizado por Fulgencio Batista em Cuba como no protagonizado por Anastasio Somoza Debayle na Nicarágua. Além disso, importantes transformações sociais mudaram estruturalmente esses países.

Para compreender tal fato se faz necessário entender como o pensamento e o legado de Martí e Sandino influenciaram os revolucionários cubanos e nicaraguenses na preparação e no desenvolvimento da luta revolucionária até a sua vitória.

A luta contra o colonialismo por José Martí sempre esteve viva na memória das gerações de cubanos que nasceram após sua morte em combate em 1895. Da mesma forma, a luta antiimperalista de Augusto César Sandino esteve presente na memória das gerações que nasceram após seu assassinato em 1933.

Com a tomada do poder por Anastasio Somoza Garcia, a Nicarágua mergulhou numa ditadura familiar que durou 46 anos. Período este em que se acentuaram as desigualdades sociais, a família Somoza e seus aliados enriqueceram absurdamente com esquemas de corrupção e o país foi submetido a uma subserviência política do governo dos Estados Unidos.

Mesmo após o assassinato de Sandino as lutas sociais em oposição a ditadura seguiram com uma intensidade menor. Inicialmente, o Partido Comunista Nicaraguense – PCN liderou a resistência no final dos anos 1930 até o início da década de 1950. Um grupo de revolucionários dissidentes do PCN fundou uma nova organização política inspirada nos ideais de Sandino. E, procurando resgatar sua história, Carlos Fonseca Amador, Tomas Borges e Julio Buitrago lideraram um grupo de militantes que fundou a Frente Sandinista de Libertação Nacional – FSLN. Organização política que esteve a frente da luta revolucionária e, após a vitória da revolução em 1979, consolidou-se até os dias de hoje como o maior partido do país.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Quanto a José Martí, este morreu em combate três anos antes de Cuba alcançar sua independência em 1898, pondo fim ao domínio colonial espanhol ao qual Cuba ficou submetida por séculos.

Mas mesmo alcançando a independência, outros desafios surgiram no horizonte deste país. Com a saída dos espanhóis, o governo estadunidense tentou transformar Cuba num protetorado nos moldes de Porto Rico atual. Preocupação esta já manifestada por José Martí nos anos finais da organização da luta de independência, momento em que se confirmara tal ameaça. Porém a resistência popular deixara claro que tais pretensões de Washington não se concretizariam. No entanto, o governo estadunidense não se deu por vencido e impôs a Emenda Platt aos cubanos, que dava aos Estados Unidos o direito de estabelecer uma base militar na ilha e intervir militarmente no país.

Nos anos 1950, Cuba estava sob o julgo de uma ditadura financiada e apoiada pelos Estados Unidos. A resistência popular era duramente reprimida. Mas apesar das dificuldades, um grupo de jovens revolucionários liderados por Fidel Castro inspirados nos ideais anticolonialistas e anti-imperialistas de José Martí tentaram tomar o quartel de Moncada em 26 de julho de 1953.

Do ponto de vista militar a ação foi um fracasso já que metade do grupo morreu em combate e a outra foi presa, inclusive Fidel Castro. Do ponto de vista político, logrou êxito por se tornar uma referência política de grande relevância, que não por acaso se tornou a data nacional de Cuba. Neste momento histórico a referência ideológica em José Martí se manifestava de maneira contundente. Assim, quando Fidel ao ser interrogado durante seu julgamento sobre quem era o mentor intelectual daquele ataque ao quartel, ele prontamente respondeu: José Martí!

Esta referência perdurou durante toda a luta revolucionária cubana até a vitória da revolução em 01 de janeiro de 1959. Até os dias atuais Martí está vivo no imaginário popular cubano juntamente com seus ideais.

As dificuldades geradas pelo colonialismo e pelo imperialismo são comuns as nações latino-americanas e as caribenhas. E estas se converteram em desafios a serem

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

enfrentados. Porém as particularidades de cada país moldaram diferentes soluções possíveis.

Cuba e Nicarágua destacaram-se no continente por terem sido vitoriosos diante dessas dificuldades comuns. Com soluções análogas buscaram a construção de um projeto nacional independente de nação e inspiradas nas ideias e no legado de suas respectivas figuras históricas de maior envergadura: Martí e Sandino.

Referências bibliográficas

ANDERSON, Jon Lee. Che Guevara: Uma Biografia, São Paulo, Objetiva, 1997.

Ayerbe, Luis Fernando. Estados Unidos e América Latina. A construção da Hegemonia, São Paulo, UNESP, 2002.

BURKE, P. Métodos e modelos: comparação. In: __. História e teoria social. São Paulo, UNESP, 2002.

CASTRO, Fidel. A História me Absolverá. 4ª ed. Alfa-Ômega, São Paulo, 1982.

GALEANO, Eduardo. As Veias Abertas da América Latina. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2002.

HOBBSBAWM, Eric. A Era das Revoluções 1789 – 1848. Paz e Terra, São Paulo, 2015.

_____, A Era dos Extremos. O Breve Século XX. 1914 – 1991, São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

KOCKA, Jurgen. Comparison and Beyond. History and Theory. Studies in the Philosophy of History, v. 42, n.1, fev. 2003.

LENIN, Vladimir Ilitch. O Imperialismo: Fase Superior do Capitalismo. São Paulo, Centauro, 2005.

**ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História
Rio de Janeiro/RJ, 2021**

LOWY, Michael. O marxismo na América Latina. Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 1999

MARTÍ, José. Nossa América. Col. Nossa América. São Paulo, Hucitec, 1991.

SELSER, Gregorio. Sandino – General de Hombres Libres. Editorial Abril, Buenos Aires, 1984.

STEDILE, João Pedro. & BALTODANO, Mônica (Orgs.). Sandino: Vida e Obra, Expressão Popular, 2008.

VAINLAS, Ronaldo. SANTOS Georgina Silva dos, FERREIRA, Jorge Luiz, CASTRO, Sheila Siqueira de Castro Faria. História: Volume Único, São Paulo, Saraiva, 2010.

ZIMMERMANN, Matilde. Carlos Fonseca e a Revolução Nicaraguense. São Paulo, Expressão popular, 2012.

ZIMMERMANN, Matilde. A Revolução Nicaraguense, São Paulo, UNESP, 2006.